



E 2

# 5

MARY LUCY MURRAY DEL PRIORE

## A história do corpo e a Nova História: uma autópsia <sup>(1)</sup>

“Habitua teus olhos a nunca olharem o corpo de qualquer pessoa, nem mesmo, se possível, o teu” (Sentença dos Pais da Igreja).

### A DESCOBERTA DO CORPO

O corpo: até bem recentemente objeto da história confinado às margens, às fronteiras, às zonas de sombra, às alcovas e aos cantos. Michelet reclamara no prefácio de sua *Histoire de France* que a história não se interessava suficientemente pela carne, pelo sangue e por outras “tantas circunstâncias físicas e fisiológicas”. Que condições tornaram o corpo interlocutor dos historiadores? Serão os nossos, tempos em que a saúde passou a ser considerada como “o mais precioso dos bens humanos”? Serão estes, tempos em que existe um conflito entre saúde e erotismo e onde o imbricamento entre a noção mesma de saúde e aquela de vida invade o cotidiano, valorizando os corpos?(2)

Reflexões como estas têm trazido à tona o interesse dos historiadores sobre a história da sexualidade, da doença e, mais recentemente, do corpo. Mas a inscrição deste objeto de estudos no universo de pesquisas do historiador deve muito à dinâmica do que

MARY LUCY MURRAY DEL PRIORE é professora do Departamento de História da FFLCH-USP e autora de, entre outros, *Festas e Utopias no Brasil Colonial* (Ed. Brasiliense).

1 Utilizo aqui “autópsia” na acepção do termo grego *autopsia*, como exame de si mesmo.

2 Ver, sobre este debate, a opinião de Silvano Santiago em artigo publicado na *Folha de S. Paulo*, Caderno 5, 20/03/94, p. 5.

se convencionou chamar de Nova História. Como resumir as características principais desta abordagem e como terá ela preparado a emergência do corpo na História?

A Nova História caracteriza-se, inicialmente, por passar do estudo de uma série de eventos acontecidos a personagens designados por nomes próprios para aquele mais amplo da vida de autores anônimos, ocorrido na longa duração. Ela deu as costas à visibilidade cômoda e superficial dos grandes acidentes e personagens. Herdou dos *Annales* o repúdio à fetichização do documento escrito, à história feita de certezas, o abandono do fato e de suas sucessões insignificantes; substituiu-os por outros fatos. Aqueles que não se atribuem a nenhuma personagem em particular mas que se observam em suas repetições, que se deixam classificar segundo suas propriedades ou que são postos em correlação com outros fatos do mesmo gênero, ou outro gênero de fatos. A seguir, a Nova História leva em conta a história submersa e pouco visível do que acontece por baixo dos fatos e dos indivíduos mais evidentes. Levar em conta esta história densa, de aparência imóvel mas simultaneamente movimentada, significa estudar “fenômenos de função”, mais tarde chamados de “fatos da vida material” e “fenômenos de mentalidade” atrelados às grandes constantes da vida humana: as que tocam a necessidade de se alimentar, produzir e trocar, ou de rir, amar, conhecer e criar. Seu herói mais festejado: a multidão de desconhecidos (3).

Constituída contra o romance histórico e a história tradicional, a Nova História procurou tornar-se mais científica, aprendendo as lições da geografia, da demografia, da antropologia e da etnologia. Ao renovar a curiosidade histórica, especificando-a, acabou por renovar, também, problemas. Ela é feita por historiadores que emprestam modelos de análise de outras ciências humanas, fazendo emergir novos objetos de estudo no seio das questões históricas, e “constituindo novos territórios, pela anexação de territórios de outros” (4).

O aporte imediato da etnologia à Nova História foi, segundo Jacques Le Goff (5), a promoção da cultura material. Mais além de estudos sobre as técnicas, o saber e o saber-fazer, a tradição, a casa e o vestuário, o contato com a etnologia facultou a emergência de pesquisas sobre a história do corpo. Um

primeiro passo foi feito em direção à história da alimentação graças ao interesse suscitado por revistas e centros como os *Annales*, *Économies*, *Civilizations* (Braudel era então seu diretor), a *Zeitschrift für Agrargeschichte und Agrarsoziologie* em torno de Wilhelm Abel em Göttingen, ou a *Afdeling Agrarische Geschiedenis* animada por Slicher van Bath em Wageningen.

Um número especial dos *Annales E.S.C.*, em 1970, inaugurou o tema da história biológica, indicando novos objetos e abordagens. O livro - *La Logique du Vivant* - do biólogo transformado em historiador, François Jacob, confirmava o interesse de ambas as partes nesse diálogo. Sete anos depois, Le Goff sugeria que os historiadores se engajassem na via proposta por Marcel Mauss quando de suas observações sobre a necessidade de um conhecimento, em perspectiva histórica, sobre as técnicas do corpo, fundamental para a caracterização das sociedades e das culturas.

Tudo indica que sua sugestão teve mais eco do que o pedido de Michelet. O corpo passou a ser estudado, bem como as convenções, categorias e rituais que, através dele, se podem recuperar. As razões precisas para a constituição do corpo enquanto objeto de história certamente têm a ver com a atenção moderna ao ser físico. Ou melhor, à relação físico-psíquica sobre a qual Merleau-Ponty escreveu melhor do que ninguém. Esta atenção pode nos incitar a explorar aquilo que, nesta relação, se constitui em diferença; diferença na qual não há nada que lembre uma fenomenologia, mas onde reina a curiosidade e a vontade de tudo explorar.

Quanto às abordagens (6), o corpo inscreve-se à perfeição em todas as tradições historiográficas que buscam explicar a passagem de um sistema ao outro por meio de uma cadeia de efeitos de causalidades exteriores à esfera do objeto estudado, mas refletidas nesse último. O corpo pode, por exemplo, estar referido à história intelectual: ao desmanchar-se de uma visão de mundo na qual ele - o corpo - espelha o universo, ou inversamente, a sua emergência correspondendo ao aparecimento de um modelo clássico, como quer o autor de *A Arqueologia do Saber*, quando trata das mudanças de *epistème*. Ele aí corresponderia - embora Foucault tenha hesitado em

3 Empresto aqui conceitos desenvolvidos por Jacques Roncière em seu *Les Noms de l'Histoire - Essai de Poétique du Savoir* (Paris, Seuil, 1992), especialmente no capítulo I, “Une Bataille Séculaire”, p. 7.

4 Apud Roger Chartier em *A História Cultural entre Práticas e Representações*, p. 15.

5 Em seu artigo “Vers Une Anthropologie Religieuse”, in *Pour un autre Moyen Age*, Paris, Gallimard, 1977, p. 146.

6 Passo a incorporar algumas sugestões de Thomas Laqueur no prefácio à edição francesa de seu *Making Sex, Body and Gender from the Greeks to Freud*, editado em 1990 por Harvard College e traduzido para o francês pela Gallimard em 1992.

explicitar - ao que E. J. Dijkstershuis batizou em uma fórmula célebre de “a mecanização da imagem do mundo” (7). Na realidade, a rejeição ao velho modelo do sexo e do corpo, aprisionados como estavam nas malhas da teologia e da metafísica, fazia manifestamente parte do projeto das Luzes. O objetivo: terminar com milênios de obscurantismo clerical e de filosofia para substituí-los por uma história natural do homem.

O corpo pode ainda ser estudado à luz da política e da teoria política: a teoria liberal e republicana ameaçava as antigas fronteiras entre os dois sexos, mas idéias que tinham fundamento no corpo as substituíram. A transgressão temporária das distinções sexuais, a que deu origem, na vida pública, à Revolução Francesa, colocou em ordem diversas estruturas ideológicas e jurídicas fundadas sobre diferenças corporais capitais entre os sexos. O esfacelamento de antigas ordens onde cada qual tinha seu lugar designado e o enrijecimento de velhas fronteiras entre o público e o privado traduziram-se na criação de uma nova esfera pública, exclusivamente masculina, cuja essência corporal mesma excluía as mulheres. A ideologia doméstica, por exemplo, só era possível em razão da virtude moral intrínseca ou da quietude sexual da mulher.

Podemos contar essa história partindo de a *História da Sexualidade* de Michel Foucault. O sexo e a sexualidade foram uma criação discursiva - o autor não precisa a quem ou a quê se deve tal criação - enquanto conexão necessária ao exercício de um novo biopoder, difuso mas invasivo, que colonizou o corpo. Esta tecnologia participa da grande mudança de natureza do poder que forma o eixo narrativo de *Vigiar e Punir*. “*La vieille puissance de la mort où se symbolisait le pouvoir souverain est maintenant recouverte soigneusement par l'administration des corps et la gestion calculatrice de la vie*”. Enquanto “formação histórica real”, a sexualidade se acompanha de uma nova forma de poder: “*Au privilège de la souveraineté (se substitui) l'analyse d'un champ multiple et mobile de rapports de force*” (8).

Podemos contá-la, ainda, à luz da história econômica: o desenvolvimento do *homo oeconomicus* - esse indivíduo concebido como um átomo social que persegue livremente seu sonho de enriquecimento - encontra sua analogia tanto no corpo individu-

al, fechado e isolado do universo, quanto no corpo grotesco do povo descrito por Bakhtine (9). Cada vez mais objetivamente, a divisão sexual do trabalho é naturalizada à imagem da diferença biológica dos sexos.

O corpo interpretado pela história das ciências remete ao estudo do progresso dos conhecimentos em anatomia e fisiologia da reprodução - esperma e óvulo, testículos e ovários, natureza da ovulação e da menstruação, etc. , estudo esse que forneceu os dados de base indispensáveis a novas definições das diferenças sexuais.

A construção de uma linguagem, de uma infra-estrutura que permita interpretar as contingências e indeterminações históricas dos limites do corpo, as variações (no tempo e no espaço) na forma de representar ou imaginar o corpo de acordo com a raça, a etnia, a classe, a idade ou o gênero abrem um leque de questões para estudar o tema com a abordagem da história da cultura.

## FRAGMENTOS DE HISTÓRIAS DO CORPO

Conciliando os novos domínios de investigação com a fidelidade aos postulados da Nova História, estudos sobre o corpo têm-se realizado em várias áreas. Uma obra-matriz que antecipa as que vêm se fazendo atualmente é, sem sombra de dúvida, a de Norbert Elias, *Über den Prozess der Zivilisation*, cuja segunda edição, em 1969 (a primeira é de 1939), deve ter influenciado as afirmações de Le Goff em seu artigo sobre a importância dos estudos sobre o homem cotidiano (10). Sua importância reside na interpretação que faz Elias de uma hipótese geral sobre a evolução dos comportamentos, e em particular das relações com o corpo, na civilização européia. Em *La Civilization des Moeurs* (11) - primeira parte de sua vasta obra, a segunda intitula-se *La Société de Cour* - este notável sociólogo dos *mores* estuda as diferentes maneiras através das quais os homens comiam, dormiam, se assoavam, dissimulavam suas secreções ou tinham relações sexuais. Sua habilidade consistiu em ligar os fatos mais imediatos e triviais do cotidiano à evolução da estrutura social do *Ancien Régime*. A partir do século XVI um processo civilizatório impôs, primeiro às classes dirigentes, depois, progressivamente, ao conjunto da sociedade por

7 In *The Mechanization of the World Picture*. Pythagoras to Newton, Princeton, Princeton University Press, 1986.

8 M. Foucault, *Histoire de la Sexualité*, vol. I, *La Volonté de Savoir*, Paris, Gallimard, 1976, pp. 183-4. Na tradução para o português (*História da Sexualidade I - A Vontade de Saber*, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977), a mesma passagem com pequena variação encontra-se à p. 135.

9 Mikhail Bakhtine, *L'Oeuvre de François Rabelais et la Culture Populaire au Moyen Age et sous la Renaissance*, Paris, Gallimard, 1970.

10 Op. cit., pp. 335-48.

11 Utilizamos a edição francesa de 1973 publicada por Calmann-Lévy.

meio de modelos educativos (manuais de confessores, tratados de civilidade), uma atitude de pudor e autodisciplina em relação às funções fisiológicas e de desconfiança em relação aos contatos físicos. A ocultação e o distanciamento entre os corpos traduziriam, nas condutas individuais, a pressão organizadora, logo modernizadora, que os Estados burocráticos, recentemente constituídos, exerciam na sociedade: a separação em classes de meninos e meninas, o confinamento dos doentes, pobres e desviantes, o declínio das solidariedades locais pertenceriam ao mesmo movimento global, difuso e largamente inconsciente, de remodelagem do corpo social. Como explica André Burguière (12), nascia, então, um claro paralelismo entre a privatização do eu, a reorganização do corpo ou dos gestos e a apropriação dos meios privados de produção.

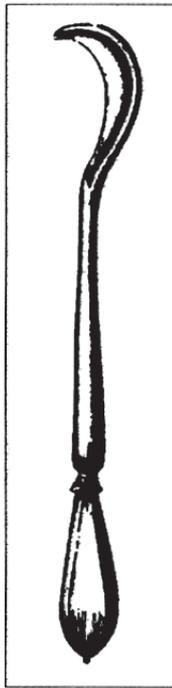
Algumas obras dialogam diretamente com o livro de Elias. É o caso de *Le Sexe et l'Occident* de Jean-Louis Flandrin (13). Aí o autor demonstra que uma “dupla moral” passa a ser vivida pelas populações do Ocidente cristão, depois do Concílio de Trento (1545), momento em que a Igreja Católica começa a regular o uso dos corpos dentro do matrimônio. Condutas sexuais matrimoniais e extraconjugais passam a distinguir-se; as primeiras, marcadas por severas prescrições quanto ao prazer sexual e feroz incentivo em prol da exclusiva procriação. As segundas experimentando técnicas contraceptivas (o coito interrompido, por exemplo) e uma crescente erotização.

A tese sobre a pressão organizadora quanto ao uso do corpo evidencia-se, igualmente, em *Le Propre et le Sale - l'Hygiène du Corps depuis le Moyen Age*, de Georges Vigarello (14). Neste trabalho, são objetos o corpo e seu invólucro: a roupa íntima e a roupa comum. Vigarello faz uma história da limpeza e da água do banho, água essa reveladora de momentos diferentes da cultura: festiva, nas estufas da Idade Média, a seguir portadora de peste ou cólera, e depois matriz da higiene moderna. Seu livro reflete sobre a gradativa visibilidade do “íntimo” e a adoção de rendas, de tecidos finíssimos e de

toda uma variedade de tons que faziam com que os signos do vestuário se multiplicassem até localizar socialmente os indivíduos. Da valorização da aparência durante o Antigo Regime - explica o autor - passa-se à valorização do vigor saudável com a ascensão da burguesia. Várias justificativas culturalmente construídas enquadram o corpo numa vigilância social. A limpeza tal como ela é proposta pela burguesia não torna o corpo apenas resistente: ela assegura uma ordem. A pureza da pele, a disciplina da lavagem teriam suas correspondências psicológicas alcançando um resultado fisicamente invisível, mas moralmente eficaz. O autor conclui endossando a tese de uma dinâmica que nasce no fim da Idade Média e que alimenta constrangimentos que conduziram a limpeza física para além do visível: ao desenvolver um trabalho civilizatório afinando sensações, até as menos explícitas, constituiu-se na sociedade ocidental uma esfera física, cujo alargamento significou, para o corpo, o reforço de fronteiras e o afastamento do olhar do outro.

Em pesquisa complementar, Philippe Perrot, em *Le Travail des Apparences ou les Transformations du Corps Féminin XVIIIe - XIXe siècle* (15), escruta, ele também, os corpos; mas os corpos femininos.

Sobre o barro flexível destes corpos - diz ele - cada sociedade deixa sua marca. Uma ordem econômica e uma condição social, uma visão de mundo e uma divisão dos papéis, um ideal ético ou estético fabricam aparências pela mediação de modelos higiênicos, cosméticos, vestimentares, alimentares, gestuais, etc. Retraçar a história destas formas semoventes durante três séculos conduz tanto a recensear suas diferenças no tempo e no interior de um mesmo espaço social, quanto também a restituir suas significações, suas ressonâncias e “vivências”. Enquanto a aristocracia desfilava sua “aparência” cuja exibicionista elegância não carecia de justificativas, a ascensão da burguesia “sem berço” levou à emergência de uma consciência corporal infeliz (a burguesa combate a gordura, a flacidez e a feiúra em busca de um corpo socialmente aceitável e simbolicamente ren-

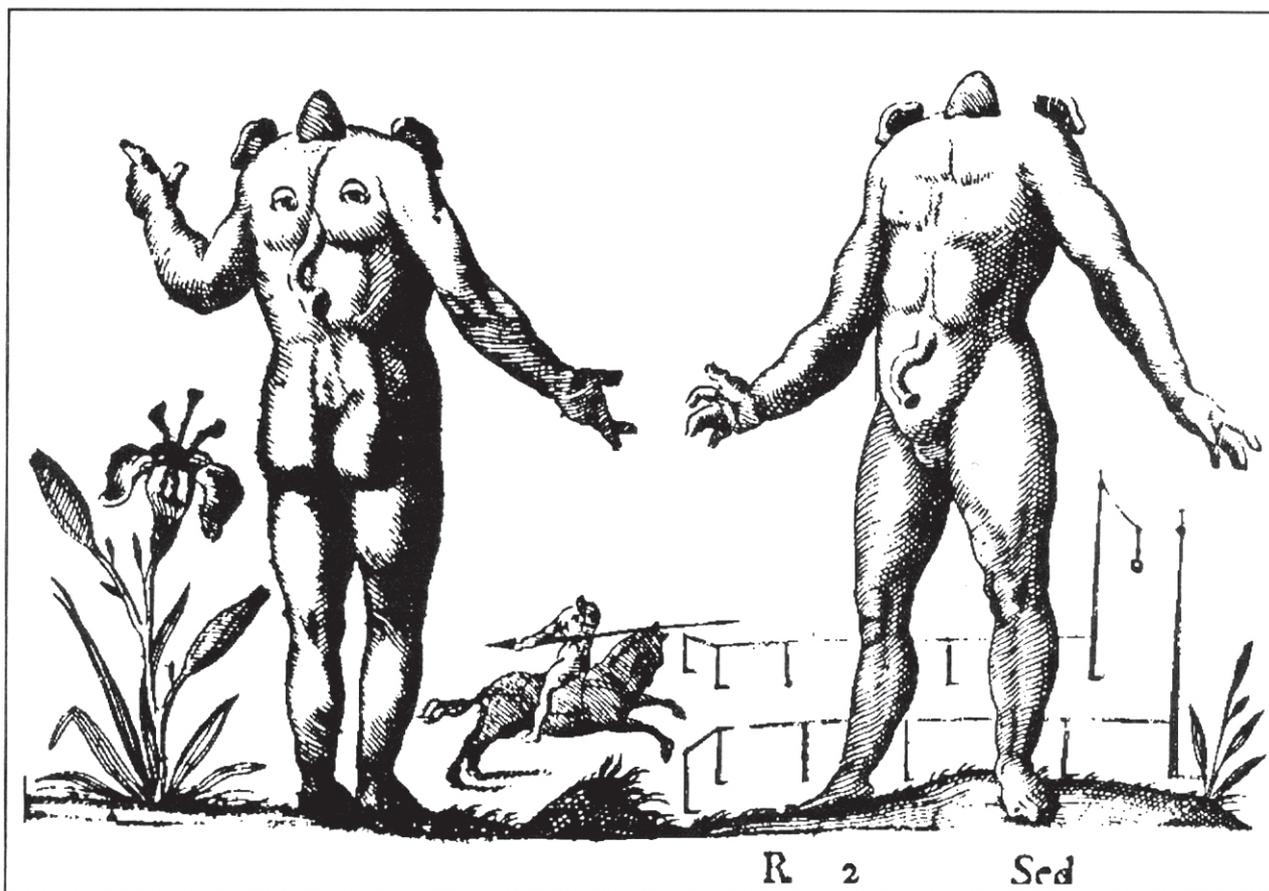


12 "L'Anthropologie Historique", in Jacques Le Goff (org.), *La Nouvelle Histoire*, Paris, Editions Complexe, 1988, p. 152.

13 Paris, Editions du Seuil, 1981. Traduzido pela Editora Brasiliense em 1988.

14 Paris, Seuil, 1985.

15 Paris, Seuil, 1984.



tável). Sua consciência é atormentada pela fatalidade do tempo e de seus danos, açodada pela idéia de ter que traduzir uma legitimidade social precária, obcecada em exprimir pelo “parecer” uma sinceridade de “ser” sempre falsa, porque inconfessável.

Dois anos mais tarde, Anne Vincent-Buffault publica seu *Histoire des Larmes - XVIIIe-XIXe* (16). A partir de uma questão colocada por Norbert Elias (“No século XVII os homens podiam chorar em público; hoje isso tornou-se mais difícil e raro. Somente as mulheres conservam esse direito. Ainda por quanto tempo?”) a autora faz uma história dos signos corporais e de como os gestos da emoção se modificam entre os séculos XVIII e XIX. Se nos romances do Dezoito personagens, amantes, amigos e espectadores desmancham-se em lágrimas, chorando copiosamente em público, tudo muda no Dezenove: a lágrima torna-se um raro valor da sensibilidade masculina enquanto a emotividade excessiva das mulheres, antes celebrada, passa a ser criticada, como um índice de patologia histórica. O lugar do pranto é, agora, o privado. Ocorre

um deslocamento que, se antes identificava a lágrima à sensibilidade, passa a reconhecê-la como pieguice, numa crescente desvalorização social e sexual.

“As redistribuições do lugar das lágrimas, enquanto signos de comunicação, as novas divisões que instauram e as concepções que ilustram apontam uma mutação, ocorrida entre os séculos XVIII e XIX (...) a redefinição do espaço político, de natureza tanto social quanto sexual, seria, nesse sentido, um desses grandes permutadores das representações e dos comportamentos” (17)

que, seguindo a pista das lágrimas, a autora tenta percorrer.

O lugar do corpo no pensamento e na vida concreta de religiosas do século XIX é o objeto de Odile Arnold em seu *Le Corps et l'Âme - la Vie des Religieuses au XIXe siècle* (18). Tão distante da literatura apologética quanto da clerical, este trabalho de história, construído sobre um abundante *corpus* de fontes originais, mostra

16 Paris, Éditions Rivages, 1986. Traduzido para o português pela Editora Paz e Terra em 1984.

17 Vincent-Buffault, op. cit., p. 299.

18 Paris, Seuil, 1984.

como funcionava, nos conventos franceses, a idéia fundamental da separação da alma e do corpo. Este é tratado como inimigo a vigiar, a submeter, a mortificar, no limite, a eliminar. O domínio de si nas regras da manutenção e do controle da afetividade eram ainda mais exigentes: elas modelavam mulheres para quem toda a espontaneidade devia ceder diante de conveniências como as regras da vida comunitária. A aceitação dos castigos físicos e de sofrimentos violentos como a doença e a morte devia refletir uma luta corajosa e um heroísmo real: era o amor de Cristo que a inspirava e não o gosto de si mesma ou de reconhecimento de suas virtudes morais. O corpo não tinha espaço suficiente no interior dos conventos e o tipo de pietismo neles cultivado (desconfiado e culpabilizador face às necessidades do corpo) conduziu a excessos brutais para a saúde física e mental de tantas mulheres. Suas conseqüências na reação contra a vida religiosa e o ensinamento cristão na França foram consideráveis. Afinal, era para afirmar os valores da alma que se impuseram tantas reduções aos valores do corpo.

*A History of Women's Bodies* de Edward Shorter (19) trata de uma tese polêmica: até uma data recente - 1900 - as mulheres teriam sido vítimas de seus próprios corpos, e conseqüentemente, mais vulneráveis à dominação masculina. O autor se apóia em relatórios médicos redigidos desde o século XVII, na Europa e nos Estados Unidos, e também em testemunhos femininos de época, para afirmar que a gravidez e o parto mantiveram as mulheres, historicamente, em situação de inferioridade. Os progressos da medicina permitiram que, a partir dos finais do século XIX, as mulheres começassem a libertar-se dessa secular submissão, graças a melhores cuidados médicos, partos sob controle e abortos de menor risco.

O belo e erudito livro de Peter Brown, *The Body and Society - Men, Woman and Sexual Renunciation in Early Christianity* (20), aborda a prática e as doutrinas de renúncia ao sexo - a continência, a virgindade, o celibato - que se desenvolveram nos círculos cristãos do século I d.C. ao século V d.C. Como bem explicou Renato Janine Ribeiro ao resenhar esse livro (21), não se trata aqui de explicar o autocontrole do homem, porém o desprezo por si mesmo enquanto car-

ne que deseja. O cristianismo - doutrina milenarista - transformou por completo o estatuto do desejo e do corpo, que passou a ser visto, então, como carne decaída e derrotada. Apenas o culto à Virgem Maria proporcionou uma inversão desse mito, feito de sujeira e decadência; sua relação com o Filho resgatava "a humanidade da sombra tenebrosa do ato sexual que estava na raiz da sociedade física normal". Concluindo, Brown afirma que "essa validação dos laços ideais entre mãe e filho falou com uma força peculiar a uma sociedade que já não pensava em si como uma assembléia de cidadãos, mas como uma aglomeração de lares devotos, compostos de pais, mães e filhos cristãos" (22). Entenda-se que tal "família" buscava fugir, como o diabo da cruz, do modelo de pecado emblematizado por Adão e Eva; sua aspiração era o ideal de carne vivenciado por Cristo e Maria, ideal de transcendência e negação do corpo.

Françoise Loux escreveu e pesquisou, ela também, sobre a história do corpo. Mas sobre a história mal conhecida dos corpos infantis. Seu *Le Jeune Enfant et son Corps dans la Médecine Traditionnelle* (23) é uma das melhores contribuições do diálogo realizado entre a etnologia e a história. Trata-se de uma exaustiva pesquisa da descrição de hábitos perinatais (imediatamente antes e depois do parto) entre os finais do século XIX e o início do XX. Todo um espectro de crenças e simbolismos atuava no sentido de garantir a sobrevivência de pequenas vidas em uma época em que a mortalidade infantil era muito elevada. Percorrendo a vida da criança miúda, desde sua concepção, nascimento, batismo e crescimento e de sua educação corporal, a autora passa indelevelmente pelo estudo da medicina tradicional e de sua relação com a doença e a morte. A ênfase do trabalho incide sobre a importância e manutenção de práticas simbólicas no interior das quais revela-se um profundo conhecimento do corpo e do inconsciente, na sua relação com o universo e a sociedade. Tais concepções mostram-se singulares na medida em que elas não distinguem o nível empírico daquele simbólico. Passava-se, nesses tempos, de um mundo de realidade para outro onde o simbólico enraizava-se na concretude de amuletos e práticas rituais.

No magistral e atualíssimo *Making Sex, Body and Gender from the Greeks to Freud*

19 New York, Basic Books, 1982. Tradução francesa para as Editions du Seuil em 1984.

20 New York, Columbia University Press, 1988. Traduzido para o português pela Editora Jorge Zahar em 1990.

21 Resenha para a *Folha de S. Paulo*, Caderno 7, 29/06/91, p. 6.

22 Peter Brown, op. cit., p. 366.

23 Paris, Flammarion, 1978.

(24), Thomas Laqueur, colega de Peter Brown e professor da University of California, Berkeley, interpreta a história do corpo, interrogando-se sobre a diferença entre os sexos. Segundo o autor, os conceitos de gênero ou sexo - definições culturais ou anatômicas - pouco elucidam. Desde a Antiguidade, tanto Aristóteles - com a definição de uma ordem para os seres - quanto Galiano - por sua definição do *corpus* anatômico - fundam o modelo do sexo único, dominante até o século XVIII e no qual o gênero define o sexo: homens e mulheres são “arrumados” segundo seus graus de perfeição metafísica ao longo de uma escala cujo ápice é ocupado pelo homem. No plano anatômico, não há nenhuma diferença dos órgãos masculinos e femininos, salvo que os da mulher são internos, e não externos. O gênero é, pois, um fato imutável da natureza, ditado pela hierarquia perfeita do cosmos; o sexo, um efeito de convenções, permitindo a uns e outras distinguirem-se pragmática e utilmente na unidade da anatomia.

No século XVIII, emerge outro modelo de diferença sexual: o modelo dos dois sexos, no qual, ao contrário do primeiro, o sexo define o gênero. Ao nível da anatomia como da fisiologia homens e mulheres são incomensuravelmente diferentes, os gêneros definindo, desde então, qualidades, virtudes e papéis de acordo com raízes biológicas. O sexo passa a ser um fato imutável da natureza; o gênero, um efeito do determinismo biológico no universo das convenções culturais, políticas, artísticas e sociais.

Ambos estes modelos, segundo Laqueur, não se sucederam, todavia, numa história linear: desde o século XVI, autores refletiam sobre a irreduzível diferença anatômica. No século XX, outros - tal como o Freud de *Ensaio sobre a Teoria Sexual* - pensam a sexualidade de acordo com o modelo do sexo único. Os dois modelos coexistem no tempo. Se sua importância e eficácia podem estar ligadas a evoluções gerais - econômicas, culturais, sociais -, elas não podem, apenas, ser explicadas por essas. Fazer a história do corpo - diz ele - não significa abandonar a escrita da história como se tem feito normalmente, percebendo-a como uma causalidade da economia, da sociedade, das mentalidades, mas significa também pensá-la à luz de nossa identidade

em permanente redefinição: “Na realidade, a substância do discurso da diferença sexual ignora entraves e fatos e permanece tão livre quanto um *jeu de esprit*”.

Com o trabalho de Thomas Laqueur, voltamos ao nosso ponto de partida. Serão estes, tempos em que definimos os nossos objetos de estudo, as nossas abordagens metodológicas a partir da redefinição mesma de nossos papéis sexuais e de gênero, a partir de nossas preocupações sociais e políticas? Será isto um defeito, um obstáculo?

Poderia a história deixar de interrogar-se sobre a experiência do limite que é o corpo: limite de identidade (o outro se descobre no mesmo) ou limite de linguagem (o sofrimento ou a morte, por exemplo, inscrevendo-se na vida)?

Em nossos dias, a história adotou uma posição. Para ela, o corpo tornou-se objeto de investigação ao qual consagram-se revistas, teses, livros e coletâneas (25). Simultaneamente, o corpo, enquanto objeto histórico, cria um “mal-estar”: é, assim, designado como sombra, como subterrâneo, ou, como quer a etnologia, como “terreno”. É preciso encarar esta fascinação ambígua - dizem Jacques Revel e Jean-Pierre Peter (26). É preciso pensar essa solerte inquietação, essa relação tensa e hesitante entre corpo, vida e morte, pois ela representa interrogações que podem ser respondidas pelo historiador.

Graças às mudanças pelas quais vem passando a história - observam-se mudanças na maneira de contar a morte dos reis, na forma de utilização da narrativa ou no aparecimento de personagens de um gênero novo, as testemunhas anônimas - existem evidências sobre a emergência de um novo espírito de pesquisa. Essa novidade reflete a modificação de abordagens metodológicas e o surgimento de novos objetos no campo epistemológico da história. Essa pequena revolução nas abordagens e objetos da ciência histórica instiga a abertura de novos estudos, inaugurando o corpo como interlocutor de história.

Mais além, é preciso ter claro que, se hoje vivemos, devemos, obrigatoriamente, pensar as aventuras de nosso próprio corpo: carente de linguagem, ele é, simultaneamente, o lugar do desejo e da dor. Ainda bastante ausente da história, ele é, também, como queria Michelet, um seu território.

24 The President and Fellows of Harvard College, 1990. Para a edição francesa, Paris, Gallimard, 1992.

25 Gostaria de mencionar algumas coletâneas, notáveis por suas qualidades epistemológicas. A primeira, editada por Michel Feher, Ramona Naddaff e Nadia Tazi, intitulada *Fragments for the History of the Human Body* (New York, Zone, 1989) e conta com nomes de peso como Nicole Loraux, Jean-Pierre Vernant, Julia Kristeva, Piero Camporesi, Mario Perniola, Louis Marin, David Kunzle, Julia Sissa, Jacques Le Goff, Catherine Gallagher entre outros. A coletânea *Le Corps* (Paris, Vrin, 1992), sob a direção de Jean-Christophe Goddard e Monique Labrune, reúne historiadores, teólogos, filósofos, psicanalistas, expondo em quinze artigos as principais etapas da história das idéias sobre o corpo. *Les Corps à la Renaissance* (Paris, Aux Amateurs des Livres, 1990), sob a direção de Jean Céard, Marie-Madeleine Fontaine e Jean-Claude Margolin, agrupa um numeroso contingente de especialistas franceses e estrangeiros, dispostos a pensar o lugar privilegiado do corpo durante o Renascimento: corpo que passa a ser dissecado, observado, pintado, amado e detestado. O Renascimento representa o corpo com um misto de deleitação e precisão, tomando-o por instrumento e modelo das atividades humanas; mas é neste momento que se elabora, também, o domínio mais consciente e racional dos corpos. Alguns autores: Robert Ellrodt, Gisèle Venet, Ilana Zinguer, Vivian Nutton, Georges Vigarello, entre outros.

26 Em artigo pioneiro, ainda bastante voltado para os estudos quantitativos e demográficos. Trata-se de: “Le Corps - L’Homme Malade et son Histoire”, in Jacques Le Goff e Pierre Nora (org.), *Faire de l’Histoire III Nouveaux Objets*, Paris, Gallimard, 1974.